George Sanders

Sanders realmente fez jus ao título com os personagens que viveu em fitas como **The Portrait of Dorian Gray** (O Retrato de Dorian Gray), **Entre o Amor e o Pecado** (Forever Amber), **Rebeca — A Mulher Inesquecível, Vidocq** (A Scandal in Paris) e **All About Eve** (A Malvada) — este último o que lhe proporcionou o "Oscar" de "melhor ator", em 1950. Ao cinismo "profissional", Sanders aliava frieza e elegância, ceticismo e inteligência.

As farpas da ironia de George Sanders não poupavam o próprio ator. Em seu livro "Memoirs of a Professional Cad" (Memórias de um Grosseiro Profissional) ele disse: "Se ocasionalmente tive atuações brilhantes na tela, isto foi devido a circunstâncias completamente fora de meu controle. A verdade é que eu, invariavelmente, represento eu mesmo. Às vezes, representar eu mesmo é adequado ao papel, então recebo elogios. Outras vezes, representar eu mesmo é muito impróprio para as circunstâncias da história e, então, eu entro em pane inteiramente".

Sanders também apontava seu cinismo como uma forma de autoproteção: "Na tela geralmente eu sou suave e cínico, cruel com as mulheres e imune aos seus encantos e caprichos. Esta é a minha máscara e tem me servido bem (...). Mas, na verdade, sou um sentimental — especialmente comigo mesmo — facilmente levado às lágrimas por emoções piegas, e invariavelmente vítima da desumanidade das mulheres para com os homens. Daí ter escolhido esta máscara para proteger minha natureza ultra-sensível e facilmente vulnerável. Felizmente, minha máscara não só me protege como me sustenta."

A MORTE HUMILDE DO REI DO CANGAÇO

Morreu o Capitão Galdino, o Lampião, o Homem do Corpo Fechado, aliás Milton Ribeiro (Francisco Milton de Souza Ribeiro), mineiro manso que Lima Barreto projetou para a glória cinematográfica na pele do implacável protagonista de **O Cangaceiro**. Tive um breve encontro com Milton pouco depois deste filme. Deu-me a impressão de um homem simples, entusiasmado com o súbito sucesso (era uma empolgação nacional: o brasileiro perdia o complexo de inferioridade cinematográfica com a comunicabilidade universal do filme de Lima), mas não deslumbrado com o halo hollywoodiano que muitos enxergavam nos estúdios de São Bernardo do Campo, São Paulo, onde se fazia a primeira tentativa de "grande indústria".

A imagem que ficou na retina de seus íntimos é realmente a de um homem pacato, bom, incapaz de qualquer manifestação de violência, "um sujeito de grande humildade" (diz Lucio Braun, o montador de **O Cangaceiro**) que, "durante as filmagens, além de seus textos sabia de cor os dos outros atores". Essa "estrela" de prazeres modestíssimos, gostava "de uma boa comida, um bom baile, um bom xaxado", era também o homem de palavra, "que um dia se assustou quando um grupo de alemães veio procurá-lo para o papel de inca num filme internacional, com a condição de raspar a cabeleira, que tanto estimava, com uma oferta de três mil dólares". Milton "recusou a oferta e o papel para manter os cabelos e a palavra empenhada a Jarbas Barbosa, que o mantinha sob contrato, por muito menos dinheiro e menos fama, no filme **Entre o Amor e o Cangaço**" (escreveu Lourenço Diaferia: "Réquiem para o amigável Capitão Galdino"). Folha de São Paulo, 23/3/72.

Segundo Irene de Freitas, que acompanhou durante muitos anos os negócios de Milton Ribeiro, "ele não ficou rico porque não quis": "não gostava de falar de negócios"; "não sabia cobrar, não tinha jeito, e, por isso, deixou escapar entre os dedos oportunidades muito boas". Além da fama, do amor da esposa e filhos (bem encaminhados nos estudos), deixou pouco mais: uma casa em São Paulo ("ao lado do zoológico de Vila Guilherme, numa rua estreita, há um muro fechado, uma casa térrea com trepadeira de espinhos e pequenos canteiros com tinhorão, espada-de-São-Jorge, mucuná e antúrios, onde o Capitão Galdino vinha descansar de suas andanças...)" e um terreno ("ele fazia planos para ir até Guaianases, onde tinha o que chamava 'o meu rancho'. Nunca ia." — Lembrou Diaferia em "Réquiem"). "Papai simplesmente se recusava a aceitar que qualquer doença o impedisse de estudar ou trabalhar. Daí que seu coração não agüentou o excesso e teve que parar" (Milton Édson, um dos três filhos). Parou na tarde de 16 de março no Hospital São Camilo, onde fora internado três dias antes.

Milton já participara de três filmes da Vera Cruz, em papéis secundários, quando Lima Barreto, vendo-o na peça teatral "Paiol Velho", foi ao camarim comunicar que ele seria o Capitão Galdino. A produção de **O Cangaceiro** custou a ser aprovada por Franco Zampari, o dirigente da Vera Cruz, mas, quando surgiu a luz verde, o filme surpreendeu os mais céticos, transformou-se no maior êxito de bilheteria do cinema brasileiro até então, ganhou prêmio em Cannes, correu mundo. A figura do "cangaceiro" Milton projetou-se como uma espécie de marca registrada do Brasil cinematográfico. Rubem Biáfora registrou a sua inclusão numa antologia internacional de vi-

Othon Bastos e Isabel Ribeiro: São Bernardo.

lões cinematográficos, ao lado de Scarface, Caligari, Jack o Estripador, Drácula e outros personagens universais. Também levaram a imagem do ator além de nossas fronteiras os filmes **Na Garganta do Diabo**, de Walter Hugo Khouri (prêmio de "melhor argumento" no Festival de Mar del Plata), e **L'Homme de Rio** (O Homem do Rio), realização francesa de Philippe de Broca, filmada no Brasil, onde apareceu ao lado de Jean-Paul Belmondo. Mas, com raras exceções, os filmes de que participou procuravam "reprisar" a popularíssima figura do Capitão Galdino. Milton se tornou quase uma presença obrigatória nas fitas de cangaço. Mas, se ele levava à tela no mínimo a contribuição de sua figura marcante, a maioria dos trabalhos de que participou não contribuiu para ampliar sua gama interpretativa, nem para dotar de bases mais fortes sua carreira.

Milton Ribeiro em **Lampião, Rei do Cangaço**

Ultimamente, premido pelas circunstâncias, Milton, além de trabalhar em radionovelas e dublar papéis alheios em cinema e televisão, exibia-se como o Capitão Galdino em pequenos "shows" no interior de São Paulo. (EA)

Biofilmografia — Nasceu a 21/8/1919, Passos, MG. Comerciário. No Exército, sargento e enfermeiro. Cantor em "shows" de circo, depois em rádio. Também no rádio, ator, contra-regra, assistente de direção artística. Ator em 26 filmes: **Ângela**, 1951; **Nadando em Dinheiro** e **Sal da Frente**, 1952; **O Cangaceiro**, 1953; **Os Três Garimpeiros**, 1955; **A Lei do Sertão**, 1956; **Arara Vermelha**, 1957; **Vou te Contá, Cara de Fogo** e **Padroeira do Brasil**, 1958; **Férias no Arraial**, 1959; **Na Garganta do Diabo** e **A Morte Comanda o Cangaço**, 1960; **Três Cabras de Lampião**, 1962; **O Cabeleira**, 1963; **L'Homme de Rio** e **O Vigilante Contra o Crime**, 1964; **Entre o Amor e o Cangaço**, 1965; **O Diabo de Vila Velha**, 1966; **Cangaceiros de Lampião**, 1967; **Agnaldo, Perigo à Vista!**, **Corisco, o Diabo Loiro** e **Meu Nome é Lampião**, 1969; **Se Meu Dólar Falasse...**, 1970; **O Homem do Corpo Fechado** e **Pantanal de Sangue**, 1971.

MANOEL RIBEIRO

O cinema documentário brasileiro perdeu um de seus mais antigos e preciosos profissionais com a morte de Manoel Ribeiro, diretor, fotógrafo, montador, Chefe da Seção Técnica do Departamento do Filme Educativo do INC. Inteiramente devotado ao cinema, estimado por todos os que com ele conviveram, Manoel Ribeiro teve seu trabalho elogiado até por um homem de cinema da categoria de Gregg Tolland, diretor de fotografia de Orson Welles **(Cidadão Kane)** e William Wyler **(Os Melhores Anos de Nossa Vida)** quando em visita ao Brasil, durante a II Guerra Mundial, em companhia de John Ford.

Manoel Ribeiro era um dos veteraníssimos do INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo), órgão absorvido pelo Instituto Nacional do Cinema. Iniciou sua carreira como aprendiz de laboratório da Botelho Filmes, de Alberto Botelho. Humberto Mauro levou-o para o INCE.

Fotografou e montou grande parte dos filmes documentários, educativos e culturais realizados por Humberto Mauro para o INCE. Na filmografia de Mauro, Manoel Ribeiro figura em filmes como **Um Apólogo (Machado de Assis)**, co-dirigido por Roquette Pinto, 1938, **O Despertar da Redentora**, 1942, **O Segredo das Asas**, 1944, **Martins Pena (Judas no Sábado de Aleluia**, 1947 — de curta-metragem; **Bandeirantes**, 1940 — de média metragem. Ainda em equipes de Mauro, ele fotografou (em colaboração) **Descobrimento do Brasil**, produção do Instituto do Cacau, Bahia, 1937, **Cidade Mulher**, 1934, e **Argila** (fotografia em colaboração com Mauro), 1940, produções de Carmem Santos — de longa metragem. Manoel Ribeiro dirigiu o documentário **O Reator Argonauta**, 1965, para o INCE.

Redatores de "Movimento": Carlos Fonseca (CF), Ely Azeredo (EA), Reginaldo Magalhães (RM), Luiz Alípio de Barros (LAB).